

7

Albuquerque

"BIBLIOTHECA DO POVO" E
"COLLECÇÃO MODERNA"

JORGE AMADO

As duas collecções de onde foram extrahidas as trovas, historias, ABC, recitativos, orações, etc. que se se-guem, são publicadas no Estado da Bahia e são vendidas a preços populares a um publico numeroso e certo, aos carregadores, aos mendigos em busca de repertorio, áquelles admiraveis negros tatuados que malandream nas festas de N. S. do Bonfim e nas macumbas da Bahia de Todos os Santos.

Recolhi varios exemplares desses livros em viagens pelo meu Estado. Os pretos meus amigos me levaram ás suas macumbas e candomblés, aos seus paes de santos mais importantes, comemos juntos muito vatapá e acarajé e me levaram tambem ás suas livrarias, perdidas no "Mercado Modelo" ou em qualquer barraca da Feira de Agua dos Meninos, livrarias que tambem podem funcionar numa rua de perto do caes com a vantagem de não pagar aluguel.

E' claro que muitas das coisas que veem publicadas nesses volumes de capas de cores (algumas illustradas) não são do folk-lore negro. Tem muita historia européa e até poesias de autores portuguezes, sem falar no falso e até setanejo Catulo da Paixão Cearense. Porém a parte maior e exactamente a mais bella é de evidente influencia negra e popular. Na Bahia o elemento popular é negro ou mulato, as religiões africanas continuam a ter uma decisiva influencia na massa, e assim a sua influencia popular não pode deixar de ser directamente influen-

ciada pelo negro. Nessas collecções o que é explorado de preferencia é aquillo que fala em aventura, em lyrico, em coragem, características, sem duvida, do negro bahiano.

Mesmo aquillo que não é negro nestas collecções escolhido para o *gosto negro* do publico que compra e ou ve lêr esses folhetos.

A "Bibliotheca do Povo" (Colleanea das melhores poesias sertanejas, trovas populares, historias para crengas, modinhas, recitativos, orações, receitas uteis, anectotas, etc. — Publicada em fasciculos — Preço 300 reis" (como é annunciada) tem um grande publico. Nada é inedito, escripto especialmente para ser publicados folhetos. O editor collecciona as melhores historias, orações, ABC, etc., e num folheto dá 3 ou 4 folhetos numero 1 encontramos entre outras cousas uma oração para dor de dentes. No fasciculo numero 4 parece a admiravel "Cantiga do Villela" onde o camceiro corajoso morre e vira santo, tal a paixão que o netem pela coragem. No 5 existe um memoravel "ABC Lucas da Feira", grande cangaceiro do reconcao bahiano.

A outra colleção é a "Moderna", ainda mais interessante: nella são interpretados por um poeta popular os factos mais importantes que se passaram em todo o verso. Factos que são traduzidos, vamos dizer assim, para o gosto negro. O poeta é o sr. Augusto Ferral ou branco. (Nota apenas, como curiosidade, que a poesia — guardando todas as distancias de poesia popular para poesia de elites — em alguns momentos lembra os tons mysterosos e tragicos da poesia de Augusto Ferral, como lembra tambem na escolha dos sumptos o autor de "Canto da Noite"). Porém o importa é que elle escreve para um publico negro e mulato do gosto do qual não pode deixar de soffrer influencia.

Veros sobre negros

A "Collecção Moderna" se annuncia assim: "E' uma serie de livretos de historias que serão publicados pela Typ. Delor, da autoria do sr. *Augusto Ferraluso* de factos que se tenham realisado ou em falta destes creações imaginarias do mesmo autor ao preço insignificante de 200 reis — Livretos já publicados: "A filha maldita" — "Um aborto da natureza" — "As 4 cabeças sinistras" — "A Mãe assassina" — "A Victoria da dictadura" — "Typografia Delor — Rua dr. Manoel Victorino, numero 3 — Bahía".

Transcrevo os folhetos "A filha maldita" e "A Mãe assassina". Na capa deste ultimo tem um desenho curiosissimo de uma moça e um rapaz com a seguinte legenda: "A fera quando noiva".

Varias outras collecções como estas duas existem na Bahía. Material para ser estudado. O que tenho em mão no momento ahí vae. Mesmo porque não vim tentar aqui um estudo da literatura popular dos negros bahianos. Vim apenas pôr nas mãos dos estudiosos e dos romancistas esse material admiravel de belleza e poesia.

A FESTA DOS BICHOS

Quando bode era doutor
E cachorro advogado,
Andava tudo direito;
O mundo beam governado;
A Justiça muito recta:
Ninguem vivia enganado!

NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

O Leão sempre foi rei
Casado com uma Leãoa,
Jacaré seu Secretario,
Onça era uma grande pessoa,
Mestre sapo professor
Na beira duma lagôa.

Coelho chefe do matto,
Perú era viajante...
O Gallo, por ser tenor,
Regia um café-cantante...
Macaoco bicho do Rei
E Urso rapaz amante.

O Porco era vagabundo:
Passava o dia a beber,
Por isso delle ninguem
Amigo queria ser...
De toda festa que havia
Porco queria saber.

Um dia mestre Coelho
Fez uma festa no matto,
Foi Cachorro e Jacaré,
Gente de mais apparato,
Finalmente todo bicho:
Menos Porco e mestre Gato...

Rato tocava na flauta,
Preguito no rabecção,
Caetêú no contrabaixo,
Cururú no violão,
Mucuinim no clarinete
E Tati no bombardão.

— Pois não hei de chorar? João Ratão morreu, a porta
partiu-se, os passarinhos depararam-se, as cantarinhãs pariram-se,
e o rei cortou as barbas.

— Já que o rei cortou as barbas,
Assento-me eu nas brazas.

* * *

Passarinho tem dois ninhos.
Um no campo, outro nomato,
Tambem tenho dois amores
Um branquinho, outro mulato.

Eu sou chibante no amor
Eu sou faceiro no amar
Eu amei uma menina
Até perto de casar.

AS NEGRAS

Eu não amo a negra,
A negra me ama,
Eu corto da negra,
A negra me chama.

Olhar de negra
E' olhar de *gralha*,
Arretira negra
Não me atrapalha.

Trabalha muito
O lactro é curto,
Cabello é curto
E não dá coco.

As negras juntam
Para ir na festa,
Amarram cabello,
Repucham a testa.

Amarram cabello
Maciam lã,
Cabello de negra
E' *picman*.

Fecham os olhos
Aparece o dente,
Cabello de negra
E' quebra pente.

Amarra o cabello
E anella o cacho,
Fica parecido
Macaco macho.

Quando a negra sae
Para ir na festa,
Penteia o cabello
E repucha a testa.

Arregala o *foio*
E arregala o dente,
Cabello de negra
E' de quebrar pente.

O ollhar da negra
E' ollhar de *grainá*
Ollhar de negra
Não me atrapala.

GILBERTO FREYRE E OUTROS

Catinga de negra
Tem dois logar.
Debaixo do braço
E no calcanhar.

Eu corro da negra,
A negra lá vem,
Não quero esta negra
Para ser meu bem.

A FILHA MALDICTA OU A ASSASSINA DOS PAES

Leitores que caso horrivel
Vou aqui vos relatar
Me faz o corpo tremar
E os cabellos arrepiar
Pois nunca pensei no mundo
Existisse um ente immundo
Capaz de seus paes matar.

Este ente horriphante,
Infame, cruel, nojentto
E' uma joven mui formosa
E de fino tratamento
Filha de paes honrados
E muito considerados
Pois tinham merecimento.

Esta joven conta apenas
Dezoito annos de idade
Era o enlevo dos paes
E a sua felicidade

NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Mas sua grande ambição
Tirou-lhe do coração
Toda sensibilidade

Mas sabia desfalçar
A hediondez de sua alma
Refreando os seus instinctos
Sua ambição ella acalma
Premedita morte horrivel
Pros paes parece incrível
Com toda sinistra calma

Queria ter liberdade
Viver vida dissoluta,
Queria ser dos seus actos
Senhora absoluta
Mas, precisava de outro
Dos paes cubica o Thesouro
Faz o crime resoluta

Sendo moça instruida
A firma falsificou
De um meicho conhecido
E uma receita passou
Mandando a uma pharmacia
Da rua de Santa Engracia
Que logo a despachou

Ja ia me olvidando
De dizer qual o local
Que se deu tão negro crime
De hediondez sem igual
Este logar infeliz
Foi a cidade de Paris
Que é do mundo a Capital